

# OS MEDALHÕES DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

JOÃO FRADA, MADALENA BOTELHO

Departamento de História da Medicina. Faculdade de Medicina de Lisboa. Lisboa

## RESUMO

Esculpidos em mármore por José Moreira Rato, foram doze os medalhões com efígies de homens famosos na história médica moderno-contemporânea portuguesa destinados à decoração exterior da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, inaugurada em Abril de 1906. Algumas décadas depois, encerrada aquela escola, transitaram estes materiais para a nova Faculdade de Medicina construída na Cidade Universitária e inaugurada em 1954. Aqui mantidos desde então em lugares mais ou menos obscuros, não só viriam a perder grande parte do seu fulgor artístico-ornamental como, sujeitos a vicissitudes várias, três deles ficariam perfeitamente inidentificáveis. Em 1988-89 a Faculdade de Medicina de Lisboa resolveu recuperar um deles, o medalhão de Afonso Rodrigues de Guevara, e colocou-o no *hall* de entrada da sua Aula Magna. Iniciara-se o processo de reidentificação e valorização destas obras de arte. Finalmente, em 1995, viria a proceder-se à identificação definitiva de todos os medalhões, passo este fundamental à sua completa recuperação e dignificação histórica e artística.

## SUMMARY

### The Medallions of the Lisbon Faculty of Medicine

Twelve medallions bearing effigies of outstanding figures in modern and contemporary Portuguese history of medicine were carved in marble by José Moreira Rato, to decorate the façade of the Escola Médico-Cirúrgica in Lisbon, inaugurated in April 1906. When this school was closed, the medallions were transferred to the new Medical School in the University City of Lisbon, which opened in 1954. Kept partially obscure, the medallions eventually lost part of their artistic and ornamental brilliancy and three of them became absolutely unidentifiable due to various adversities. In 1988-89, the Medical School decided to restore a medallion depicting Afonso Rodrigues de Guevara and placed it in the hall of its Aula Magna. The process of re-identification and restoring these works of art had begun. In 1995, all the medallions were conclusively identified, which was a crucial step towards their full restoration and historical and artistic revalorization.

## PREAMBULO

António Ramalho, João Vaz, José Malhoa, José Veloso Salgado e José Moreira Rato foram, apenas, alguns dos muitos artistas convidados pelos Conselhos dos Monumentos Nacionais, da Escola Médico-Cirúrgica e da Academia Real de Belas Artes de Lisboa a participar e a colaborar no trabalho de decoração do novo edifício da Escola Médica de Lisboa inaugurada, com pompa e circunstância, em Abril de 1906.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Conselho dos Monumentos Nacionais, *Pareceres da Academia Real de Belas Artes de Lisboa, do Conselho Superior dos Monumentos Nacionais e do Conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, passim*

<sup>2</sup> *Anuário da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, 1900-1901*, p. 191  
A condição constante na proposta, de apenas fazerem parte da respectiva lista de professores *que datassem de época anterior a 1836*, diz respeito, obviamente, ao início das suas funções pedagógicas.

José Moreira Rato, escultor de grande reputação naquela época, teve a seu cargo a reprodução fiel em mármore das efígies de doze figuras ligadas à História Médica Portuguesa, Moderna e Contemporânea.

Assunto polémico, a selecção dos doze professores a homenagear viria a ser analisada, pela primeira vez, na 4ª sessão do Conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa realizada em seis de Dezembro de 1900, na presença de uma comissão secretariada por J. A. Serrano. A respectiva lista, apresentada por Serrano, englobava *doze professores falecidos, uns antigos, outros contemporâneos, e todos distintíssimos, para serem representados nos doze medalhões do novo edifício da Escola Médica de Lisboa (...), professores que datassem de época anterior a 1836 e que se não excluíssem estrangeiros que profes-saram em Lisboa, com tanto que houvessem sido de assinalado mérito.*<sup>2</sup>

Na 5ª sessão do Conselho da Escola Médico-Cirúrgica, que decorreu em 18 de Janeiro de 1901, foi aprovada a lista proposta por Serrano e dela constavam os seguintes nomes:

*Afonso Rodrigues de Guevara, 159. ou 16..; António da Cruz, 1626; António Ferreira, 1679; António de Monravá y Roca, 1753; Bernardo Santucci, 1764; António Gomes Lourenço, 1800; Pedro Dufau, 1806; Joaquim José de Sant'Ana, 1814; Manuel Constâncio, 1818; António de Almeida, 1822; Bernardino António Gomes, 1877; José Lourenço da Luz, 1882.*<sup>3</sup>

Por ocasião do XV Congresso Internacional de Medicina procedeu-se à inauguração da Escola Médica, reconhecida por muitos como um autêntico museu de arte, quer pela beleza do seu interior quer pelos seus exteriores.

*(...) belo edificio, grandioso e soberbo, com um aspecto exterior de imponência e de severidade arquitectónica. (...) Do lado poente, em frisos especiais, vêem-se os medalhões dos distintos médicos, honra da ciência portuguesa, António da Cruz, António de Almeida, António Lourenço, Lourenço da Luz, Bernardino Gomes e Joaquim Sant'Ana.*

*Na parte nascente, que dá para a calçada de Sant'Ana, e apresenta três andares, há os medalhões exteriores dos médicos Manuel Constâncio, Monravá y Roca, Bernardo Santucci, Afonso Guevara, António Ferreira e Pedro Dufau.*<sup>4</sup>

Parte do valioso património artístico, documental e bibliográfico da Escola Médica do Campo de Sant'Ana, com a inauguração da nova Faculdade de Medicina e do Hospital Universitário (Hospital de Santa Maria), em 1954, transitaria para estas instalações. Integrados nesse espólio viriam também os doze medalhões. No entanto, não iriam aqui receber as mesmas honrarias, projecção e dignidade que a velha Escola Médica, ao Campo de Sant'Ana, lhes havia conferido.

Enclausurados, uns, entre paredes e prateleiras de livros e sebatas, a céu aberto, outros, em um pátio interior do Hospital, durante décadas quase passaram despercebidos. Finalmente, em 1988, o Conselho Directivo da Faculdade de Medicina de Lisboa decidiu escolher um desses medalhões para a decoração do *hall* de entrada da Aula Magna da mesma Faculdade. O mais antigo dos mestres, Afonso Rodrigues de Guevara, fora eleito, talvez pelo *ar hipocrático* que as suas barbas veneráveis transmitiam,<sup>5</sup> e de *pedra e cal* ali subiria a um novo pedestal.

Os restantes medalhões, susceptíveis às múltiplas vicissitudes do tempo e dos homens, aguardavam por

melhores dias e por melhor sorte. Mas enquanto foram esperando por uma localização mais condigna, naturalmente compatível com o seu valor histórico e artístico, alguns deles perderam a identificação trazida do Campo de Sant'Ana. Devido a puro acidente, extravio, incúria ou desmazelo, a verdade é que a falta de identidade de alguns deles tem constituído um quebra-cabeças para os vários investigadores debruçados sobre este assunto.

A Faculdade de Medicina de Lisboa está hoje claramente decidida a valorizar o seu património museológico, histórico e artístico e os medalhões dos doze médicos famosos, herdados da velha Escola Médico-Cirúrgica, parecem ter despertado novamente as atenções e as preocupações de algumas entidades responsáveis, colocando-se uma vez mais o problema da sua completa identificação e da sua localização definitiva no espaço físico desta instituição.

Atentos e sensíveis a este entusiasmo institucional, decidimos reactivar as nossas investigações neste domínio, lamentavelmente interrompidas em 1989, depois de termos identificado e publicado as biografias de três dessas doze figuras (Afonso Rodrigues de Guevara, António da Cruz e António Ferreira)<sup>6</sup> e pudemos finalmente dar por concluído o trabalho de pesquisa e reconhecimento de todos os medalhões:

Seguindo a mesma ordem constante na lista aprovada na 5ª sessão do Conselho da Escola Médico-Cirúrgica reunido em dezoito de Janeiro de 1905, atrás discriminada, procuramos realçar os aspectos biográficos fundamentais de cada uma dessas nove figuras restantes.

#### ANTÓNIO DE MONRAVA Y ROCA (1668 ? - 1753)



Natural da Catalunha, licenciado e doutorado pela Universidade de Lérida, com estudos realizados em Barcelona e Valência, Monravá vem para Portugal em 1721 a convite de D. João V e pela mediação de Diogo de Mendonça Corte Real (embaixador português em Madrid).

Assumindo, nessa mesma data, o lugar de lente de Anatomia no Hospital Real de Todos-os-Santos só em 1732 deixa este cargo, quando se aposenta.

<sup>3</sup> Idem, p. 192

<sup>4</sup> Congresso Internacional de Medicina, Jornal *O Século*, 11 de Março de 1906, p. 5

Cf. tb.: M. J. Xavier Morato, *Elementos históricos acerca da primeira Faculdade de Medicina no Campo de Santana*, *Semanário O Médico*, Lisboa, 17. Set. 1987, Ano 38, Vol. 117 (1850), p. 200

Eduardo Augusto da Silva, *A Faculdade de Medicina de Lisboa*, Lisboa, 1939, pp. 10-8

<sup>5</sup> Terá, certamente, havido algum critério de selecção para essa escolha. Desconhecemos, no entanto, quais os aspectos ou fundamentos selectivos subjacentes à deliberação final daquele Conselho Directivo.

<sup>6</sup> Cf. João Frada, *Os Medalhões dos doze Médicos Célebres na Medicina Portuguesa*, *Boletim da Faculdade de Medicina de Lisboa*, Nº 37, Set./Out. 1988, pp. 1-2; Nº38, Nov./Dez. 1988, p.2; Nº 40, Mar./Abr. 1989, pp. 2-3.

A utilidade da matéria anatómica, claramente resultante do método de ensino seguido por Monravá, que pretendia ser um inovador, foi posta em causa várias vezes por múltiplos docentes e discentes. Entre a classe médica nacional (composta por portugueses e estrangeiros), formara-se uma corrente de opinião de franca contestação aos seus métodos pedagógicos, facto que viria a contribuir, fortemente, para a sua substituição e aposentação precoce.

Independentemente da larga experiência e dos vastos conhecimentos que possuía, forçosamente inerentes ao seu elevado nível académico, as suas numerosas obras, segundo os seus biógrafos, não vieram a ter grande eco científico, pelo menos nas décadas que se seguiram à sua jubilação. Todavia, o seu tratado de cirurgia *Novíssima Medicina*, em quatro volumes, defendendo ideias e conceitos claramente críticos e opostos aos preceitos e doutrinas de António Ferreira (autoridade reconhecida entre os cirurgiões da época), acarretar-lhe-ia algumas antipatias.

Para alguns dos seus biógrafos e simpatizantes, *o seu programa de ensino era bom e completo*.<sup>7</sup> Manuel José Leitão, mestre de cirurgia, chega mesmo a distingui-lo como um prático experiente e sabedor e considera-o como aquele que *abriu os olhos aos portugueses, pois, antes dele, não sabiam os cirurgiões desta Nação mutilar um membro nem laquear uma artéria*.<sup>8</sup>

Mas o seu perfil de homem polémico e narcisista e os projectos reformistas de que ele próprio se vangloriava como mentor, os quais nunca pudera concretizar, valem-lhe acirradas críticas quer de Sá Matos quer de Serano. Este último, eloquente e mordaz, caracteriza-o de um modo arrasador:

*O cérebro de Monravá, por maior que fosse a sua capacidade, era acanhadíssimo para a vaidade que continha.*

*Torturava-o a preocupação de ser o reformador de toda a ciência médica (...). Odiava a notoriedade de quem quer que fosse. Os antigos – uns embusteiros, os modernos – uns insignificantes, os novíssimos – uns tolos. Só nele tinha assento a verdadeira sabedoria. (...)*

*Com semelhante feito, é bem de crer que as suas prelecções, a igual dos seus livros e dos seus discípulos, fossem um acervo de bizantinas disputas, feridas no ar com retumbante estrondo mas vazias de utilidade, e de que tais alunos, a poder de embuidos nas logomaquias de um rançosa escolástica, em vez de brotarem práticos modestos para medicar e curar, surdissem exames de sabatinheiros pataratas, dementados e pedantes, aturdindo o orbe com sandias filáucias.*<sup>9</sup>

Não só pela reconhecida baixa qualidade científica das suas obras, publicadas em número elevado, como pelo seu feito mesquinho, polémico, fantasioso e crítico mordaz, Monravá não suscitou grandes amizades entre os seus colegas. Apesar de tudo, não há dúvida de que as suas ideias e

doutrinas pretenderam imprimir um novo rumo no ensino da cirurgia, o qual só com Manuel Constâncio e os seus discípulos viria a ser possível corrigir e concretizar.

### BERNARDO SANTUCCI (1701-1764)



Exercendo clínica em Lisboa, aquando da aposentação de Monravá em 1752, viria a ser convidado por D. João V para lhe suceder na regência da cadeira de Anatomia no Hospital Real de Todos-os-Santos. E assim, a despeito das violentas críticas tecidas pelo seu antecessor secundadas, naturalmente, pelos seguidores de Monravá, este italiano, que se havia doutorado em Bolonha e aperfeiçoado em estudos anatómicos em Florença, no Hospital de Santa Maria Nova, vem a assumir aquele cargo e a auferir, dentro em breve, um grande prestígio universitário.<sup>10</sup>

Na provisão da sua nomeação constava que nenhum praticante de cirurgia deveria ser aprovado pelo Cirurgião-Mor do Reino sem que lhe fosse reconhecido por Santucci o necessário conhecimento de Anatomia, indispensável ao exercício da arte. Embora esta providência pareça ter sido, apenas, aplicada aos cirurgiões de Lisboa e arredores, com a morte de Monravá deixou de ser um obstáculo.

Santucci organiza um curso de Anatomia de três lições semanais, das 8 às 12 horas, destinado a praticantes de cirurgia e a médicos e cirurgiões diplomados por carta régia. O ensino era feito sobre o cadáver e, ao contrário de Monravá, isento de grandes considerações teóricas e filosóficas.

Em 1739 publica um compêndio elementar de Anatomia, convenientemente ilustrado, obra que vem a ser considerada pelos críticos como uma tradução fiel da cirurgia do século XVII, apesar de algumas imperfeições relacionadas com termos inadequados, com uma selecção doutrinária menos correcta e, sobretudo, com o método descritivo, algo heterodoxo em relação à maioria dos anatomistas dessa época. Assim, estuda primeiro as vísceras e só depois os músculos e ossos, subordinando as suas descrições a uma base fisiológica em vez de topográfica e estudando, por exemplo, *na perna os músculos que a movem e não os que nela se inserem ou existem*.<sup>11</sup>

<sup>7</sup>Sebastião Costa Santos, *A Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos os Santos*, p. 97

<sup>8</sup>Manuel José Leitão, *Tratado completo de anatomia e cirurgia (...)*, apud Sebastião Costa Santos, *Op. cit.*, p. 117.

<sup>9</sup>J. A. Serrano, *Tratado de Osteologia*, Tomo I, pp. LXXXIX-XC

<sup>10</sup>Matias Boleto Ferreira de Mira, *História da Medicina Portuguesa*, p. 200

<sup>11</sup>Idem, p. 205

Todavia, a ignorância da anatomia entre médicos e cirurgiões portugueses era muita e a imposição da sua aprendizagem conduziu a que um grupo oposicionista e, provavelmente, indiferente à instrução conseguisse persuadir o rei da sua inutilidade no ensino. Argumentavam, entre outras coisas, que a prática nos cadáveres conduzia frequentemente à morte os seus executantes.<sup>12</sup> O ensino de Santucci acabaria por ser suspenso por ordem régia, o que levaria este grande mestre a sair de Portugal, deixando a cadeira de Anatomia vaga no Hospital de Todos-os-Santos, em 1747.

José António Serrano retrata-o como um homem *moço, discreto, concertado e modesto, positivo e prático, desadorando processos de carunchosa escolástica e aborrecendo transcendências de iname metafísica*.<sup>13</sup>

Em 1751 voltaria de novo a Lisboa e, nesta altura, quando as mentalidades pareciam já ter sofrido as inevitáveis mudanças de uma época considerada a derradeira meta proto-científica, em vez de críticas, humilhações ou indiferença recebeu honras e mercês, manifestações claramente reabilitadoras da sua imagem e do seu prestígio científico no seio da academia portuguesa. No entanto, a regência da cadeira de anatomia dirigida desde 1750 por Pedro Dufau, não mais lhe viria a ser concedida. Certamente desgostoso com mais esta desconsideração retirou-se em 1751 para Itália, onde morreu.

#### ANTÓNIO GOMES LOURENÇO ( ? - 1800 )



#### PEDRO DUFAU ( 1717 - 1806 )



<sup>12</sup>O temor e a polémica em volta das práticas de dissecação em cadáveres, ainda que sobredimensionados, como seria de esperar dos seus opositores, tinham alguma razão de ser. De facto, os limitados conhecimentos bacteriológicos e os conceitos etiopatogénicos subavaliadores do poder mórbido e letal dos microorganismos, a par de incipientes recursos e noções no domínio da assepsia e antissepsia conduziam, com frequência, os manipuladores de cadáveres a situações de infecção, doença e morte.

<sup>13</sup> Idem, p. 204

<sup>14</sup>Alguns críticos consideram esta obra uma espécie de réplica imperfeita da obra de António Gomes Ferreira sobre cirurgia. Todavia, o receituário ali contido é da total responsabilidade de A. Gomes Lourenço (M. B. Ferreira de Mira, *Op. cit.*, pp. 212-3; 216-7)

Cirurgião de visitas da Misericórdia de Lisboa e examinador de sangria, em 1750 viria, mesmo, a ser regente de uma cadeira de cirurgia criada no Hospital Real de Todos-os-Santos.

Desenvolvendo um trabalho notável, quer como clínico quer como docente, acabaria por ser nomeado cirurgião no Hospital Real de Todos-os-Santos, no da Ordem Terceira, no Hospital de S. Francisco e no Real Convento de *Corpus Christo*.

Quer *A Arte Flebotômica*, considerada o primeiro tratado português de sangria, resumida sob o título de *Exame de sangradores*, quer a sua *Cirurgia Clássica*<sup>14</sup> constituíram um importante contributo para o conhecimento da anatomia cirúrgica e das técnicas flebotómicas.

Consciente do peso académico e científico de B. Santucci, A. Lourenço aproveita a publicação de uma das suas obras, *A Arte Flebotômica*, para aqui tecer rasgados elogios aos conhecimentos e métodos cirúrgicos do seu mestre, o que acabaria por lhe trazer grandes dividendos no domínio económico e académico. Com cuidadosa diplomacia e elegância coloca assim os seus trabalhos a par das obras mais conceituadas dessa época e ganha a aceitação que ambiciona.

Considerando-se e proclamando-se o restaurador da cirurgia portuguesa, António Gomes Lourenço viria a ter um enorme sucesso financeiro com a venda dos seus livros, durante décadas consumidos por todos quantos exerciam ou pretendiam iniciar a arte cirúrgica.

A convite de Sebastião José de Carvalho e Melo, seu amigo pessoal, Pedro Dufau, de naturalidade francesa, viria a suceder a Bernardo Santucci como lente de Anatomia no Hospital Real de Todos-os-Santos.

Como consequência das várias reacções de rejeição aos estudos anatómicos no corpo humano (surgidas ainda durante o reinado de D. João V), em um de Março de 1750 a regência daquela cadeira, vazia desde 1747, vem de novo a ser ocupada.

Dufau, detentor de notável currículo no campo anatómico-cirúrgico resultante, sobretudo, da sua experiência como Cirurgião-mor do Hospital Militar de Viena, vem a imprimir um novo fôlego ao ensino da matéria anatómica em Portugal.

Deixando-nos algumas obras escritas (das quais destacamos a *Exposição da Anatomia*), especialmente orientadas para as áreas da osteologia e da sarcologia, Dufau jubila-se em 1764. Contudo, a sua carreira pedagógico-cirúrgica não terminaria por aqui. Em 1765 o Conde de Oeiras, seu particular amigo, nomeia-o cirurgião do Real Colégio dos Nobres, cargo que lhe traz elevados proventos.

Em 1769 retira-se para França e só em 1774 volta, de novo, a Portugal onde permanece até 1780, data em que definitivamente se instala na sua pátria, onde vem a morrer em 1806.<sup>15</sup>

### JOAQUIM JOSÉ DE SANT'ANA ( ? - 1814 )



Discípulo de Filipe David Schwartz, famoso oftalmologista setecentista, sucedeu-lhe na regência da sua cadeira no Hospital de S. José, em 1783.<sup>16</sup>

J. Sant'Ana jubilou-se em 1814, não sem antes ter tentado deixar no lugar vago seu filho Diogo José Victor de Sant'Ana. Mas as rivalidades e as invejas, que eram muitas, *falaram mais alto* e, após a sua jubilação, a ala oppositora a esta substituição hereditária, não querendo sequer ter em conta a preparação profissional do candidato, pressiona fortemente os órgãos de gestão e de ensino médico e hospitalar, que acabam por suprimir, pura e simplesmente, o curso e a cadeira de oftalmologia e encerram, ao mesmo tempo, a enfermaria onde Joaquim Sant'Ana exercera e ensinara a sua arte.

Estas e outras vicissitudes surgidas no seio da medicina portuguesa permitem-nos compreender, com clareza, as razões do nosso permanente atraso técnico e cultural, relativamente a outros países europeus da época, desde

muito cedo abertos às mais diversas vias de acesso ao conhecimento científico.

### MANUEL CONSTÂNCIO ( 1726-1818 )



Nascido na aldeia de Sentieiras, em 1726, orfão de pai aos 12 anos, desde muito cedo manifestou um carácter e uma inteligência fora do vulgar.

Protegido pelo pároco do Sardoal, iniciou-se nos estudos e, apesar sua natural apetência para o trabalho intelectual, foi, certamente, a perseverança a marca mais notória da sua forte personalidade. Devido a esta faceta viria a ser alcunhado de Constâncio, apelido que adopta e pelo qual ficaria conhecido.

Depois de aprender a arte da sangria com o barbeiro do Sardoal aperfeiçoa-se nesta e em outras técnicas no Hospital de Abrantes, onde recebe os primeiros rudimentos médico-cirúrgicos.

Instala-se em Lisboa, sob a protecção de Marquês de Abrantes, e vem a frequentar o curso para sangrador, após o que é examinado. Reconhecidas as suas qualificações para esta arte é-lhe facultada a inscrição imediata no curso de cirurgia do Hospital Real de Todos-os-Santos.

Convicto de que a anatomia era a base fundamental da cirurgia, inscreve-se e assiste, voluntariamente, às aulas de Dufau, nessa altura, regente da cadeira. A conselho de Dufau, de quem se torna amigo, aprende a língua francesa para se poder manter, permanentemente, actualizado sobre a melhor medicina europeia dessa época.

Depois de prestar provas de cirurgia no Hospital de Todos-os-Santos em 1754 e de conseguir a carta de sangrador desenvolve, durante quatro anos, os seus estudos de cirurgia e candidata-se a exame em 1758, obtendo a carta de cirurgia. Inicia então a sua vida clínica e vem a ter uma grande projecção e aceitação profissional.

Em 1762, por ocasião das hostilidades entre França e Portugal, integra-se no exército e serve como cirurgião militar, sob as ordens do Marquês de Marialva.

Dufau, entretanto, jubila-se e Constâncio, por recomendação do seu amigo e mestre, vem a ser convidado

<sup>15</sup> Sebastião Costa Santos, *Op. cit.*, pp.144-58

<sup>16</sup> Matias Boleto Ferreira de Mira, *Op. cit.*, p. 281

para a regência do ensino anatómico. Em 1764 é já lente desta cadeira.

Afirmando-se como professor universitário, como cirurgião da Casa da Família Real e, mais tarde, como cirurgião privativo de D. Maria I aproveita o seu estatuto ímpar para tentar elevar a medicina portuguesa ao nível das melhores europeias dessa época.

Sob a anuência governamental consegue enviar para Inglaterra sete dos seus melhores discípulos, com o intuito de vir a fundar uma nova Escola Médico-Cirúrgica em Lisboa, naturalmente equipada com os melhores recursos técnicos e humanos. O seu projecto, porém, não viria a concretizar-se nesse século. Algo desiludido, jubila-se e com 79 anos retira-se, definitivamente, para Sentieiras, onde nascera e onde vem a morrer aos 92 anos.

Embora dotado de uma grande cultura médica, de um discurso eloquente e de um inexcedível sentido clínico, Constâncio deixou muito pouca obra literária. A sua única obra, *Postilla de Anatomia*, contendo as suas lições, viria a ser redigida, compilada e publicada em 1780 por um discípulo seu, António do Espírito Santo.<sup>17</sup>

A renovação da cirurgia portuguesa, objectivo número um de Constâncio, só cerca de sete anos depois da sua morte viria a ser uma realidade. As Reais Escolas de Cirurgia de Lisboa e do Porto fundavam-se, finalmente, em 1825. Mas, não fora o seu espírito inovador, a sua persistência e ousadia, rebelando-se contra o anacrónico sistema de ensino superior médico-cirúrgico, e não se teria dado esse *passo de gigante* a Universidade portuguesa do século XIX. Manuel Constâncio, podemos-lo considerar, com toda a justiça, o pai da Anatomia e da Cirurgia portuguesas.

#### ANTÓNIO DE ALMEIDA ( ?- 1822 )



Discípulo de Manuel Constâncio, partira para Londres às expensas do governo português a fim de ali se aperfeiçoar e cultivar nos mais recentes progressos cirúrgicos.

De regresso a Lisboa em 1796, assume o lugar de lente de operações no Hospital de S. José, mas pouco tempo depois transfere-se para o novo Hospital de Inoculação, então fundado.

Com uma grande capacidade literária vem a publicar, entre muitos outros escritos, duas obras de considerável importância: o *Tratado de medicina operatória* e o *Tratado da inflamação*. A primeira é a expressão acabada da sua grande erudição e formação científica. Nesta obra, a par dos últimos progressos cirúrgicos da época, viria a incluir muitos conhecimentos obtidos a partir da sua experiência pessoal, alguns deles claramente reconhecidos como insuperáveis, à luz da visão crítica de alguns autores seus coevos.

Em 1810, depois de se ver envolvido numa cabala em que é apodado de amigo dos franceses, acusação que nunca se comprovou, foi obrigado a sair do reino e exilou-se em Londres. Aqui, onde anos antes fizera grandes amizades, as suas elevadas qualidades de cirurgião e de homem erudito não iriam passar despercebidas.

Depois de ter escrito um livro onde procurara contestar e justificar a falta de patriotismo de que o haviam acusado regressa, novamente, a Portugal em 1814. Na sua bagagem, porém, traria o honroso título de membro efectivo do Real Colégio de Cirurgiões de Londres. É evidente que esta distinção granjear-lhe-ia elevados méritos mas, acima de tudo, possibilitar-lhe-ia uma rápida reabilitação nos meios político e académico do nosso país.

António de Almeida, como todos os grandes homens, não pôde furtar-se às vicissitudes, controvérsias e polémicas que a sua personalidade e a sua acção, inevitavelmente, fariam arrastar sobre si, trazendo-lhe alguns incómodos. Mas isso não foi suficiente para apagar a pujança da sua obra nos domínios literário e médico-cirúrgico.

*Na literatura médica portuguesa dos fins do século XVIII e primeiro quartel do seguinte não se encontra qualquer livro sobre partos que equivalha, em méritos, à obra de António de Almeida sobre cirurgia.*<sup>18</sup>

#### BERNARDINO ANTÓNIO GOMES ( 1806-1867 )



<sup>17</sup>Sebastião Costa Santos, *Op. cit.*, p. 177

<sup>18</sup>Matias Boleto Ferreira de Mira, *Op. cit.*, p. 285

Nascido no Porto em 1806, completa os seus estudos pré-universitários e vem a licenciar-se em medicina pela Faculdade de Medicina de Paris em 1831 e em matemática pela Universidade de Coimbra. Logo após é nomeado para lente de matéria médica na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa.

Fundador e redactor da *Gazeta Médica* e colaborador em outros jornais científicos, nomeadamente, no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*, onde publicou, em vários números, os resultados das suas *observações sobre alguns casos de Doença de Bright*.<sup>19</sup>

Médico da Real Câmara, assumindo também funções de delegado representante do governo português no Congresso Médico sobre estratégias de tratamento e prevenção de *Cólera morbus*, que teve lugar em Constantinopla, Bernardino A. Gomes desenvolveu, até à data da sua jubilação em 1867, uma intensa actividade pedagógica e científica, aspectos estes que fariam do seu currículo uma amostra invejável de trabalho, inteligência e persistência.

Entre a sua obra escrita contam-se um livro de Farmacologia Geral e vários trabalhos de investigação sobre Cochonilha de Cabo Verde, sobre Cravagem do centeio, sobre a riqueza do ópio português em morfina, sobre ensaios práticos com o ópio indígena e sobre a quina, a partir da qual, curiosamente, seu pai, Bernardino A. Gomes, havia conseguido isolar a cinchonina na forma de cristais, entre 1806 e 1812.<sup>20</sup>

#### JOSÉ LOURENÇO DA LUZ ( 1800-1882 )



Considerado um dos mais hábeis cirurgiões do século passado, J. Lourenço da Luz executou intervenções que, pelo seu pioneirismo, claramente, lhe valeram uma aura de grande prestígio entre os seus colegas e, mesmo, nos meios académicos europeus. A laqueação da íliaca exter-

na, como forma de cura de aneurismas inguinais, foi realizada com êxito em Portugal, em 1824, por Lourenço da Luz. Pouco tempo depois, também pela primeira vez entre nós, procedia à laqueação da carótida primitiva para sustentar uma hemorragia da carótida externa.<sup>21</sup>

Todavia, outras intervenções fizeram parte do seu invejável currículo cirúrgico, as quais viriam a reforçar, um pouco mais, a sua reconhecida autoridade entre a classe médica portuguesa.

*Extraiu pela uretra um cálculo de volume considerável e ensaiou o tratamento das fracturas pelo método do aparelho inamovível.*<sup>22</sup>

A sua actividade não se limitou, porém, ao exercício clínico e cirúrgico, em particular, e repartiu-se em várias outras áreas, desde a política à administração pública. Viria assim a ser deputado, vogal e presidente da direcção do Banco de Portugal.

Apesar deste labor imenso, não descurou a vertente publicista e os trabalhos que publicou, subordinados, de um modo geral, à matéria que constituía as suas intervenções cirúrgicas, contam-se em cerca de vinte e um, dispersos em vários jornais da época, dos quais destacamos a *Gazeta Médica de Lisboa* e o *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*.

Professor de clínica cirúrgica na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, da qual também foi director, este distinto cirurgião do Hospital de S. José, pela sua grande autoridade e pelo seu prestígio reconhecidos quer em Portugal, quer no estrangeiro, acabaria por receber, entre outras honras, o título de par do Reino.

#### NOTA CONCLUSIVA

Tratando-se de homens bem conhecidos na História da Medicina Portuguesa, concluída a sua completa e definitiva identificação, que considerávamos o objectivo número um desta pesquisa, procurámos traçar breves biografias de cada um deles. Competirá, agora, à Faculdade de Medicina de Lisboa e aos respectivos órgãos directivos consagrar a estas obras de arte, primorosamente talhadas em mármore, o respeito, a dignidade e a importância que elas encerram enquanto símbolos e memórias históricas herdadas dos tempos mais heróicos da arte médica moderno-contemporânea portuguesa.

#### BIBLIOGRAFIA

- ANUÁRIO da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, 1900-1901, s.n.t.  
 BOLETIM da Faculdade de Medicina de Lisboa, Nº 37, Set./Out. 1988; Nº 38, Nov./Dez. 1988; Nº 40, Mar./Abr. 1989  
 CONSELHO dos Monumentos Nacionais, *Pareceres da Academia Real de Belas Artes de Lisboa, do Conselho Superior dos Monumentos Nacionais e do Conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa acerca das pinturas murais para esta Escola*, Lisboa, Companhia Tipográfica, 1902  
 MIRA, Matias Boletto Ferreira de, *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, Edição Empresa Nacional de Publicidade, 1947  
 NEVES, Eduardo Augusto da Silva, *A Faculdade de Medicina de Lisboa*, Lisboa, 1939 ( Separata de Olisipo nº 6 )  
*O Século* (Jornal), Lisboa, 11.Mar.1906  
 SANTOS, Sebastião Costa, *A Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos-os-Santos*, Lisboa, Faculdade de Medicina de Lisboa, 1925  
 SERRANO, J. A., *Tratado de Osteologia*, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, Tomo I, 1895

<sup>19</sup>Idem, p. 371

<sup>20</sup>Idem, p. 397

<sup>21</sup>Idem, p. 282

<sup>22</sup>Idem, p. 379